



# Ser protagonista é dizer “sim” ao Mistério

Ela estava desesperada por causa de sua doença e da solidão que vivia. Eis que um dia, chegaram Rose e os voluntários do Meeting Point. E, com eles, “o encontro que fez a minha vida ressurgir. Porque, se ela é capaz de me olhar assim, imagine como será, então, o rosto de Deus!”

por Vicky Aryenyo

**E**stou feliz por estar aqui. Trago o amor da Uganda, da minha família e de toda a família do Meeting Point Internacional. Quero compartilhar com vocês a viagem da minha vida. Cresci em uma pequena vila na Uganda oriental, onde vivia sozinha com minha mãe. Num determinado momento, ela ficou doente de câncer e, sendo a única fonte de renda que tínhamos, precisei parar de estudar para ajudá-la a sobreviver. Em Kampala, encontrei trabalho no setor de contabilidade do hospital, onde trabalhei por dez anos; depois, casei-me e tive dois filhos. Em 1992, durante a terceira gravidez, começaram os problemas com meu marido: ele queria que eu abortasse, dizia que se eu não o fizesse nosso casamento estaria acabado. Não conseguia entender,

mas escolhi levar a gravidez até o fim. Devo dizer que meu marido tinha dito a verdade, porque me deixou. Em 1996, meu filho mais novo manifestou sintomas de tuberculose; os médicos me explicaram que essa doença se desenvolve apenas quando o sistema imunológico não consegue mais responder. Segundo eles, assim que meu filho começasse a se alimentar, o sistema imunológico seria restaurado. A vida continuou. Porém, alguns meses depois, tive herpes, sintoma de uma outra doença; mas, na época, ninguém conseguiu me dizer a verdade.

## Por que eu?

Em 1997, senti-me muito mal e precisei parar de trabalhar. Assim, perdi meu emprego e a vida ficou mais difícil. A doença continuava a progredir, até que um dia desmaiei e acordei no hospital. Lá, me perguntaram se eu estava disposta a fazer um teste de HIV (naturalmente aceitei, o que mais poderia fazer?), e o resultado foi positivo. Foi um período muito difícil. Eu me perguntava: “Por que eu?”. Tinha sido casada e sempre fui fiel ao meu marido. Ali, entendi porque ele não queria a gravidez: provavelmente sabia que eu ficaria doente ou daria à luz uma criança doente. Quando, duas semanas depois, recebi alta, já era um milagre, porque via muitos morrerem perto de mim. Porém, não sabia que seria o início de uma outra viagem.

Quando cheguei em casa, descobri que meu filho estava gravemente doente. Fizemos o teste de HIV e, efetivamente, o resultado foi positivo. Foi ali que sofri mais, me perguntava: “Por que ele?”. Estava condenado a morrer ainda no útero de acordo com a vontade de seu pai, mas eu o protegi até seu nascimento; no entanto, aquele destino continuava a persegui-lo. Se meu marido estivesse doente, eu ficaria feliz porque ele era a causa de tudo. Mas, ao contrário, estava muito bem de saúde, tinha se casado novamente e não se preocupava mais conosco. >>



Padre Carrón, que alegria ter lhe conhecido! Aquilo que mudou a minha vida foram os olhos de Rose, cheios de amor e de esperança, tão cheios de atração. Mas depois chega um momento, outros olhos, um olhar de vida e ressurreição. Não consigo explicar os sentimentos que tive assim que lhe vi. Senti o poder da ressurreição me atingir de repente, e por isso caí em prantos. Foi tão imprevisto e tão forte que até os meus joelhos começaram a tremer e não consegui controlar as minhas lágrimas, mesmo se estávamos em público. O seu olhar fará com que cresçam muitas pessoas que Deus sempre conduzirá a você. Eu sou simplesmente uma entre muitas. Isto me deu um vivo e renovado empenho em relação ao Movimento. Esta realidade é tão viva que eu me tornei escrava dela, tornou-se o início do caminho rumo ao destino. Aceite o meu amor. Sua filha, Vicky

(de uma carta escrita por Vicky logo após o Meeting)

>> Não conseguia entender Deus: se apenas eu estivesse doente, poderia suportar, mas não meu filho. E parecia-me que Deus ficava em silêncio. Até 2001, vivi como se estivesse em outro planeta, nenhum dos meus amigos vinha mais me visitar. O que eu tinha feito para eles? Não tínhamos dinheiro, ninguém sorria para nós, todos nos odiavam como se tivéssemos provocado a doença pelos nossos atos.

Um dia, algumas pessoas vieram à minha casa. Eram voluntários do Meeting Point International, que provavelmente tinham sabido que na vila alguém estava morrendo. Vieram e me contaram o que faziam, encorajando-me a me unir a eles. Para mim eram mentiras! Nunca os tinha visto antes... Era impossível que quisessem realmente me ajudar, estavam

fingindo. Voltaram outras vezes; eu simplesmente me negava a escutá-los, fechada em um casulo. Nesse período, meus filhos maiores não iam mais à escola; o terceiro também a tinha abandonado porque o professor o chamava de "esqueleto" e toda a escola ria dele. Eu não tinha ninguém com quem compartilhar essa dor e, quando pedi para falar com este professor, impediram-me de vê-lo.

Os voluntários falaram a Rose sobre a minha situação e, um dia, a trouxeram à minha casa. Rose sentou-se ao meu lado. Eu me afastava, porque não cheirava bem. Além disso, saía pus do meu nariz e da minha boca. Estava viva, mas meu corpo parecia estar em estado de putrefação. Continuava me afastando, mas Rose continuava a se aproximar, até que eu não sabia mais onde me colocar. Rose

falava comigo, mas também daquela vez fechei o coração. Uma coisa era certa: não esperava nenhuma ajuda dela. Depois que eles foram embora, lembrei de uma frase de Rose, que tinha me provocado: "Se você não quer vir ao Meeting Point, dê-me pelo menos o seu filho, porque ele pode viver". Essas palavras continuavam a ressoar em meus ouvidos. Então, um dia, resolvi ir até lá.

### **"Você tem um valor"**

Quando cheguei, vi que havia música: estavam dançando! Não conseguia entender como os doentes pudessem dançar e ser felizes. Disse a mim mesma: "Não é possível!"; e voltei para casa. Os voluntários continuavam a acompanhar meu filho e, no fim, conseguiram me "capturar" por meio dele: quando começaram a prepará-lo para o tratamento, entendi que talvez poderia confiar e comecei a ir encontrá-los.

Um dia, Rose me convidou para ir à sua sala. Olhou-me nos olhos e disse: "Vicky! Você tem um valor e esse valor é maior do que a doença! Você pode superá-la, só precisa reencontrar a esperança". Fiquei em silêncio enquanto ela continuava me olhando. Só disse essas palavras, mas seus olhos falavam muito mais do que sua boca e me convidavam a acreditar neles, como se me dissessem: "Há algo

acima de você no qual deve colocar a sua esperança". Olhava-me com olhos cheios de amor que, para mim, eram como um raio de esperança. No entanto, com os lábios repetia apenas estas palavras: "Você vai ver que o tratamento fará com que seu filho sobreviva. Você precisa reencontrar a esperança, deve viver para ver seus filhos crescerem". Porém, eu pensava: "Mesmo que meu filho se salve, onde encontrarei dinheiro para a comida? Como posso sobreviver, que milagre poderá acontecer?". Quando cheguei em casa, algo continuava a se passar diante dos meus olhos, como num filme. No início da doença, fechei-me em mim mesma, rejeitada por todos. Desde então, aquelas eram as primeiras palavras que alguém dirigia a mim. Sentia dentro de mim algo que não consigo explicar. Assim, comecei a olhar aqueles olhos, que falavam comigo. Naquele dia *encontrei* Rose.

Eu já a tinha visto tantas vezes, mas nunca tinha feito um *encontro* com ela. Mesmo agora, que estou falando sobre isso, eu o vejo como num filme.

### Nos ombros de Cristo

Comecei, assim, a reconquistar a esperança e a frequentar o Meeting Point. Rose nunca repetiu aquelas palavras, mas seus olhos falavam comigo todas as vezes que ela me olhava. Quando percebi que, com o tratamento, a vida voltava a meu filho, foi o início da alegria na minha vida e comecei a entender que eu também poderia viver. Não importava em que condições. Todas as vezes que lembrava do rosto de Rose, pensava: se ela pode me olhar assim, como não será o rosto de Deus? Deus, de algum modo, também me olha pelo rosto de Rose. Ela me ofereceu seus ombros: foi Cristo quem me deu aqueles ombros para que eu pudesse

me apoiar quando ninguém mais estava perto de mim, Cristo veio a mim e me deu esperança (a verdadeira!). Tudo começou com um encontro que fez minha vida ressurgir. Quando as minhas esperanças voltaram, até meu corpo começou a reagir: hoje, eu sou prova dessa realidade. Não sei explicar como tudo isso aconteceu, mas tenho um companheiro, um Amigo. Rose sempre esteve perto de mim e fez-me entender que Cristo sempre está ao meu lado, neste processo de sofrimento, que não consigo descrever de outra maneira.

Um ano depois, eu também comecei o tratamento, que continuo, desde então, junto com meu filho. Fizemos um encontro no qual nos apoiamos ainda hoje, que nos devolveu a dignidade. Tudo começou com Rose, que respondeu "sim" a um chamado. Como no episódio dos dez leprosos: Rose ajudou muitos, eu sou um >>

## É possível viver assim como protagonistas?

Dezenas de jovens se reuniram no *Gs Point* (local de encontro dos colegiais no Meeting; *nde*) para compreender a beleza daquele evento e se ajudarem a colher o que estava acontecendo. O ponto de partida eram os fatos, os encontros, as mostras visitadas, e chegava-se, assim, a falar da vida, das perguntas que tinham, de algo que lhes interessava mais. O título imponente, "Protagonistas ou ninguém", os obrigava a fazer uma escolha: viver o Meeting a todo vapor, ou perder uma ocasião de crescimento. Escolheram ser protagonistas e colocaram livremente suas perguntas.

A resposta a essas perguntas chegava diretamente dos personagens que eram convidados para os encontrar no *Gs Point* desde Rose e Vicky, de Uganda, padre Aldo Trento, do Paraguai, Dom Paolo Pezzi da Rússia e o jornalista Magdi Cristiano Allam, ex-muçulmano, até Joseph Weiler, o professor norte-americano, e Etsuro Sotoo, o arquiteto da Sagrada Família em Barcelona. Eles simplesmente lhes contavam suas histórias e como se converteram. Pessoas simples que levaram a sério a própria humanidade e por isso são protagonistas e testemunhas. Era comovente ver como cada um foi chamado pelo Senhor para O servir, mesmo com todos os limites que possuem, como a depressão de padre Aldo ou a doença de Vicky.

Graças a todos estes encontros, a amizade que se via entre os jovens reunidos no *Gs Point* se tornou algo extraordinário. Não se explica a unidade que foi gerada entre pessoas tão diferentes e vindas de cidades muito diversas. Esta unidade só foi possível pelo reconhecimento de Cristo presente entre eles, e pela ajuda que um oferecia ao outro, neste reconhecimento do Mistério dentro da realidade.

Sábado à tarde, com o término do Meeting, os corações cheios de gratidão e as agendas estavam repletas de novos números de telefone. E não se podia fazer outra coisa a não ser afirmar que é realmente possível viver assim, como protagonistas!



>> daqueles dez que voltou até ela (mas onde estão os outros nove?).

### Um milagre? Eis aqui: sou eu

Não conseguia entender por que Rose agia daquele modo. Foi só por isso que voltei. Vi que o Movimento é vivo, que não é uma simples associação, mas uma pessoa; o Movimento tem uma vida e gera a vida. Nós também podemos nos esquecer de Lázaro, que foi ressuscitado há tantos anos... Se nunca viram um milagre, aqui está um: eu! Porque estava morta e reconquistei a vida. É por isso que agora sou “escrava” deste Movimento, que me ajudou a entender qual era o meu destino e a reconquistar a esperança, acompanhando-me ao longo do caminho. Sobretudo, agora, sei que tenho uma família, a família do Movimento. Não tenho mãe, nem pai, não tenho marido, mas tenho um ombro sobre o qual me apoiar. Sou “escrava” do Movimento pela humildade que encontrei em vocês. Aqui no Meeting visitei a Mostra “A liberdade buscando vai, que é tão cara. Vigiando, redimir” e, quando soube que alguns detentos estavam lá, disse: “Eu também sou prisioneira, eu também fui condenada (o vírus mata), mas tenho a minha liberdade”. Todos podem ser livres, só há uma coisa a fazer: é preciso dizer “sim” quando o chamado chega. Negar dizer “sim” ao chamado significa permanecer prisioneiros.

Quando recebi os resultados do teste fiz um voto: nunca faria a ninguém a coisa terrível que meu marido fizera; mantive este voto até hoje e nunca deixarei de respeitá-lo; aprendi que Deus é meu marido e pai dos meus filhos. Eu o vi por meio de Rose, de padre Carrón, no Movimento; vi Deus operar em minha casa. Alguém poderia me perguntar o que aconteceu com meu marido: não sou o Juiz, eu o perdoei. Desde então, a minha liberdade tornou-se total. Aprendemos a dizer “sim” à cruz que devemos carregar e Rose aceitou ajudar-nos a carregá-la. O Movimento está conosco e não desistiremos desta tarefa. Obrigada. ■

Paolo Pezzi, Arcebispo da Mãe de Deus, em Moscou

### “NA VIDA, SÓ PROCUREI SEMPRE RESPONDER AO MISTÉRIO DE DEUS”

É dizendo “sim” que a vida se cumpre. Há 25 anos, eu estava entre os voluntários que construía o Meeting; hoje, ao contrário, pedem-me para falar, mas em essência é a mesma coisa. Na vida, sempre procurei responder apenas ao Mistério de Deus. Com o passar do tempo, me dei conta de que o verdadeiro protagonista da história é o homem que vive a existência como relacionamento com o Mistério de Deus. O Papa chamou-me para que eu me tornasse Arcebispo da Diocese da Mãe de Deus, em Moscou; o que quer que me seja pedido, no fundo, trata-se de saber a quem responder.

Dizer “sim” a Cristo, hoje, é tão simples e concreto quanto, 25 anos atrás, dizia “sim” a quem dirigia o alistamento do Meeting.

Quando moço, pensava que o problema da vida fosse adquirir capacidade, tornar-se eficiente, importante em alguma coisa. Depois, encontrando homens que viviam esta resposta ao Mistério, descobri que, de fato, não é verdade que a vida consista em alcançar a excelência no detalhe. Então, a questão se tornou: como posso servir a este Mistério? Assim, compreendi que o “sim” a Cristo coincide sempre com o “sim” dito a pessoas concretas, a determinada circunstância. E é exatamente o “sim” dito a algumas pessoas e circunstâncias que torna Cristo familiar; desta familiaridade com Ele, nasce uma certeza de bem que tende a investir o relacionamento com todas as pessoas, até com aquelas mais hostis.

O que faz florescer o deserto é a oferta cotidiana. A vida, mesmo a de um Bispo, é com frequência repleta de coisas muito áridas em si mesmas: questões burocráticas, problemas de Governo, o tempo perdido no trânsito de Moscou... Oferecendo, tudo isso pode se tornar uma grande ocasião de protagonismo. Porque não é você que decide a respeito das circunstâncias e nem em que nível as encontra no dia a dia.

Quando, faz alguns anos, estava na Itália e já ia voltar para a Rússia, visitei um amigo monge, em Cascinazza. Ao nos separarmos, nos dissemos: “Você fica no mosteiro para que eu possa partir em missão porque não se parte senão permanecendo e não se fica se não for partindo”. Nestes meses descobri a verdade disso: um novo início não significa uma ruptura com relação ao passado. Partir é a ocasião para que o próprio permanecer se aprofunde e se enraíze sempre mais na profundidade.



Dom Paolo Pezzi durante a sua colocação.

# Em Kampala a esperança toma o lugar do “final feliz”



**M**ais de 10% da população ugandense tem Aids, o que legou ao país mais de um milhão de órfãos. A população é muito pobre e os conflitos armados mantêm a população há anos num estado de insegurança.

Ali, Rose Busingye é responsável pelo *Meeting Point* de Kampala, uma pequena organização não-governamental nascida em 1990 com a ajuda da Fundação AVSI. “Hoje, o combate à Aids está na moda. Todos fazem projetos para ajudar os doentes, para defender os direitos humanos, para derrotar a doença. Mas a pessoa fica reduzida à sua doença. Chega alguém com Aids e a tendência é cuidar da doença dela. Nós, antes de mais nada, olhamos para a pessoa que tem a doença”, explica Rose, para destacar que tudo aquilo que faz é obra de um Outro, Cristo.

O *Meeting Point* age nos subúrbios de Kampala, em Kitgum e Hoima, na parte ocidental do país, encontrando doentes, viúvas, crianças e órfãos, oferecendo apoio psicológico a jovens e famílias, ensinando normas de educação sanitária e sexual, tratando pacientes em domicílio e levando cuidados e remédios àqueles que não podem se internar por motivos econômicos ou pelo adiantado estágio da doença. Na sede do *Meeting Point* organizam-se cantos e danças. São a expressão de uma contagiante vontade de viver.

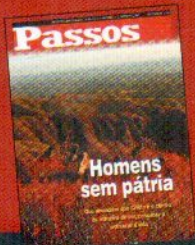
Há muitas histórias no *Meeting Point*. Quando o furacão Katrina varreu a Louisiana, nos EUA, em 2005, Rose pediu às mulheres que rezassem pelos desabrigados. Elas, para sobreviver, quebram pedras grandes para empresas rodoviárias e da construção civil. Uma mulher se aproximou e lhe disse: “Quando você me encontrou, não rezou. Eu também quero ter amado alguém antes de morrer. Não quero que um dia alguém encontre os meus filhos, reze e pronto”. Assim, elas trabalharam mais tempo e arrecadaram US\$ 1.200,00 para ajudar os norte-americanos.

Em 2003, Rose recebeu em Nova York o Prêmio “Servidor da Paz”. Na época, comentando o contraste entre a riqueza norte-americana e a pobreza de Kampala, disse: “O problema não é ser rico ou pobre, mas saber quem você é. As pessoas que vivem em uma cabana na lama podem ser mais felizes do que as que estão em um arranha-céu. Para mim, aprender quem eu sou significou descobrir o gosto pela beleza”.

## A premiação do documentário

**G**reater-Deafating Aids é o nome do documentário do italiano Emmanuel Exitu sobre a obra do *Meeting Point*. O filme ganhou o primeiro lugar no *Babelgum Online*, competição de documentários sociais que aconteceu dentro do Festival de Cinema francês. Foram mais de mil trabalhos inscritos, tendo 60 finalistas. A decisão final coube a ninguém menos que Spike Lee, um dos mais importantes diretores norte-americanos da atualidade. “Para a produção e filmagem fiquei duas semanas em Kampala. A dinâmica era essa: Rose chegava e eu perguntava: ‘Então, o que faremos hoje?’. E, depois, ficava atrás dela. Isso porque tenho extrema confiança no fato de que a realidade fala”, contou Emmanuel em uma entrevista. O documentário mostra a história de mulheres e crianças ugandenses infectadas pelo vírus da Aids. E, no meio delas emergem, como discretos protagonistas, o *Meeting Point*, a própria Rose e Vicky, uma mulher soropositiva que redescobriu a esperança de viver quando foi acolhida. O título *Greater*, que significa “maior”, vem da sua história, pois o que a fez mudar foi a frase que Rose lhe disse: “Você não sabe que o seu valor é maior do que essa doença?”.

Não foi premiado um documentário comum de denúncia social, muito menos uma obra de fantasia. Venceu a realidade e aquilo que todos os dias ela nos traz e nós buscamos. “Eu busco a esperança, não o *final feliz*”, conclui Exitu: “Esse é o meu motor e a força de *Greater*. Porque o *final feliz* torna mudo e surdo o mal que se viveu. A esperança, ao contrário, não precisa esquecer nada, arde sempre”.



Este suplemento contém trechos da revista **Passos**, a revista internacional do movimento Comunhão e Libertação. Adquirir a revista **Passos** completa na Rua Félix Guilhem 219 - Lapa, ou na Rua Dr. Homem de Melo 644/ Cj. 12 - Perdizes. E-mail: [passos.cl@uol.com.br](mailto:passos.cl@uol.com.br) / Tel: (11) 3871-1352. Em **Passos** você encontrará artigos culturais e sobre a sociedade e a Igreja. Oferecemos desconto de 50% aos membros da Associação e o preço passa de R\$ 8,00 para R\$ 4,00 cada exemplar mensal e de R\$ 75,00 por R\$ 37,50 a assinatura anual. Visite nosso site: [www.passos-cl.com.br](http://www.passos-cl.com.br)

Jornalista responsável por esta publicação: Ana Luiza Mahmeister. MTR 13845.

Apoio:



[www.neoband.com.br](http://www.neoband.com.br)

Arte:



[www.ubania.com.br](http://www.ubania.com.br)